



Libertinagem e liberdade

Leandro Konder

Agência de notícias italiana Ansa comunicou ao mundo no começo deste mês de fevereiro a morte do "conde" Giovanni Rovai, aos 68 anos de idade. O "Jornal do Brasil" registrou o evento no seu obituario, num texto curiosamente bem-humorado, raro numa coluna destinada a anunciar falecimentos.

Giovanni Rovai, nascido na aldeia de Pietrasanta, perto de Pisa, na realidade não era conde coisíssima nenhuma: era plebeu, pobre, semi-analfabeto, mas - segundo consta - muito inteligente e muito bonito. Aproveitou sua beleza e sua inteligência para, ao longo de sua vida, evitar os aborrecimentos inerentes ao trabalho. Passou sua existência - como diz a Ansa - conhecendo mulheres, no sentido bíblico da palavra. Seu livro autobiográfico se intitula "O último gigolô" e foi lançado pela editora Rizzoli em 1981.

Rovai se punha à disposição das mulheres para prestar seus serviços, sem fazer-lhes exigências exageradas: bastava que lhe telefonassem e enviassem uma pequena contribuição para os gastos que faria. No livro que escreveu, declarou: "Conheci e amei mulheres inteligentes, profissionais de vários ramos, empresárias, mas também mulheres humildes, camareiras de hotéis de terceira classe, cozinheiras e empregadas domésticas".

Sua fama se espalhou, correu mundo. Os Estados Unidos lhe negaram visto de entrada no país, temendo sua reputação. Uma bilionária italiana lhe ofereceu 5 milhões de dólares se ele se casasse com ela e se tornasse um marido rigorosamente fiel, renunciando às outras mulheres; mas Rovai não aceitou a proposta, considerando-se um homem "generoso e disponível", decidido a evitar o "desperdício" da exclusividade.

Alguns admiradores asseguraram que o "conde" amou mais de cinco mil mulheres (cerca de dez vezes mais do que a cifra alardeada por Daniel Filho numa entrevista que concedeu há algum tempo). Os conterrâneos de Pietrasanta e os vizinhos de Pisa, entretanto, dizem que as façanhas sexuais de Rovai ultrapassam de muito o número a que se refere a agência de notícias.

E é sobre a admiração suscitada pelo "conde" que vale a pena a gente refletir um pouco, nessa hora em que a morte do homem deixa transparecer com maior nitidez a força do mito.

O mito de Don Juan

Giovanni Rovai encarna o tipo do Don Juan. E, como dizia Kierkegaard, o homem que escolheu a "vida estética", decidiu viver em função exclusivamente do prazer do momento. As mulheres, para ele, são meros objetos capazes de lhe proporcionar satisfação erótica.

Na nossa época, tão cheia de tensões, tão angustiada, o apelo dessa opção cresce significativamente. Os homens dão duro no batente, usam a camisa, vivem sob o signo da insegurança e do medo, correm o risco de perder o emprego, lutam no mercado para comprar barato e vender caro, e afinal chegam ao fim do dia ansiosos

por um relax. Tendem a ver a mulher como "o repouso do guerreiro".

Essa tentação já era forte no século passado, no tempo de Kierkegaard, mas vem se tornando ainda mais poderosa no nosso século. Em todo caso, os homens encontram sérias dificuldades para se entregar a ela. Primeiro, porque, como advertia o próprio Kierkegaard, a opção pela "vida estética" sofre um desgaste inexorável: viver em função do prazer de cada momento significa procurar alegrias infinitas dentro da finitude. Com o tempo, os prazeres vão diminuindo e os achados de uma vida que abusa dos prazeres tendem a ser tornar achados cada vez mais insuportáveis.

Além disso, graças ao fortalecimento da consciência que as mulheres vão adquirindo de suas exigências e de suas expectativas, de suas prerrogativas e de seus direitos, vai ficando cada vez mais difícil para o sexo masculino impor sua "lei particular" ao sexo feminino, desfrutando das mulheres como meros objetos.

Liberdade e libertinagem

Essa explicação é convincente. Percebe-se que ela lança luz sobre o fenômeno, pondo a nu a dimensão ideológica conservadora do mito. Devemos, contudo, honestamente ressaltar: o fascínio suscitado pelo "conde" Rovai tem muito a ver com as fantasias "machistas" de homens marcados por uma formação preconceituosa multissecular, mas não se reduz a mera expressão do "machismo".

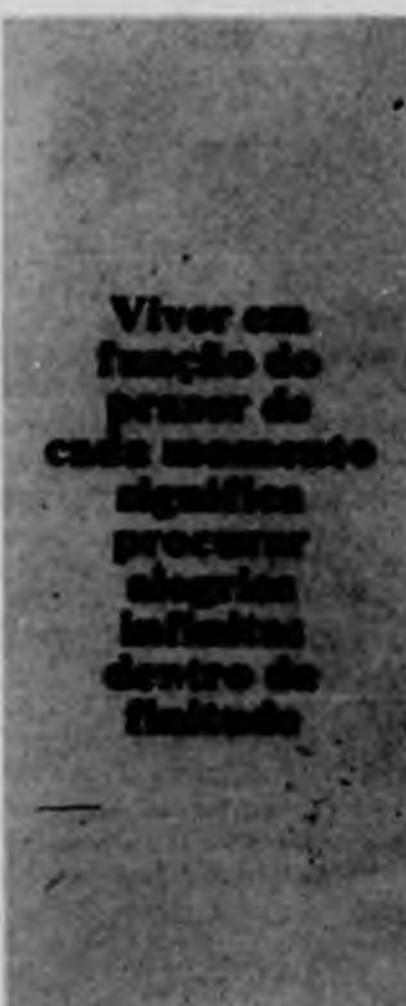
Rovai não forçava as mulheres a coisa alguma: buscava sua própria satisfação proporcionando prazer às suas parceiras. Divertia-se e divertia-as. Usava-as como objetos e se deixava usar como objeto por elas. Por um lado, parece ter sido incapaz de envolvimento intersubjetivos profundos: não construiu ligações amorosas duradouras. (Podemos supor, mesmo, que jamais amou verdadeiramente; nada indica que tenha conhecido o sentimento do amor em suas formas mais ricas). Por outro lado, porém, foi sincero na relação com as mulheres, explicitando sempre os limites dos vínculos que se dispunha a ter com cada uma delas e subordinando expressamente seus "casos" à necessidade compulsiva que sentia de variar de companhia.

Se não formos hipócritas, se não nos encastelarmos na fortaleza inóspita do moralismo, deveremos nos perguntar se não enxergamos um perturbador exercício de liberdade no interior da libertinagem do ganhão de Pietrasanta.

Num tempo como o nosso, sufocado pela proliferação de tantos empregos chatos, Rovai assumiu uma vocação que o levou a unir o "trabalho" (meio de subsistência) ao prazer. Nesse aspecto, o fascínio exercido pelo "conde" ultrapassa as fronteiras da mera exibição de "macheza", vai além da difusão dos mitos da ideologia da "super- virilidade", e se aproxima do fascínio exercido pelas grandes cortesãs, pelas famosas devassas, mulheres que tiveram uma vida sexual intensa e movimentada, como Messalina ou Lucrecia Borgia. Ou, para recorrer a uma imagem mais próxima de nós, como a Tietta do Agreste.

Além disso, suspeito de que há outro motivo para a admiração que tanta gente (homens e mulheres) dedicava a Giovanni Rovai: a frustração em que ainda vivem tantas pessoas, submetidas às pesadas obrigações do casamento monogâmico, sem receber compensações significativas. A libertinagem do "conde" era, em si, um tiro desfechado contra as convenções da vida familiar, contra o moralismo pequeno-burguês que rege o funcionamento de tantos "lares".

Por isso, Rovai, a seu modo, dentro dos limites da opção vital que fez, reanimava, aos olhos de muitas pessoas que se sentem oprimidas, um anseio de liberdade. E é essa característica que nos leva a simpatizar com ele, quando nos lembramos de que os burocratas do Departamento de Imigração dos Estados Unidos negaram ao "conde" libertino autorização para entrar em Nova York e o consideraram "indesejável, por razões de moralidade". Entre a hipocrisia burocrática e a franqueza libertina, não há como vacilar: ficamos com a última.



Unidos da Tijuca

CAINDO NA FOLIA

Cetilde Tastero

"E o Borel descobriu... navegar é preciso"

De Nego/Vaguinho/Vicente das Neves/Ditão/Gilmar L. Silva/Azuleiro/Valkinho de Leão/Ivan Bombeiro/Beto do Fandoleiro

conto/Nego

Por mares nunca dantes navegados
Meu Borel vem empolgado pra mostrar
Terras e eras tão distantes
Um passado emocionante vou contar

Na Idade Média, quando tudo começou
O povo já pensava em ser feliz
Os lusitanos na guerra cristã
Contra os mouros defendiam o seu país
Salve o infante D. Henrique
A Portugal prestou serviços relevantes
Os portugueses desbravaram o oceano
Descobriram novos horizontes

São caravelas
Ventos de liberdade e amor
E nessa onda, seu Cabral
Nos encontrou, ô ô

Heranças deixaram, tantas em nosso torrão
Do idioma à religião
E essa miscigenação que originou
A nossa mulata sedução
Cá pra nós, o samba não veio de lá
Mas trouxeram o negro, que é arte, é cultura
Que nos ensinou a batucar
Terrinha boa que saudade dá
O Borel em poesia
Hoje vai te visitar
Levar meu samba, vou cruzar o mar
Só gente bamba vai desembarcar

Vasco da Gama, bacalhau
Ouvir o fado, eu vou
Ficar mamado também
Bebendo vinho lá em Portugal.



A Tijuca mostra a passagem dos portugueses pela China, Japão e África

Brasil descobre Portugal

Virna Homero

Depois de ter amargado um oitavo lugar com o enredo "De Cabral à Bienal, no País do Carnaval", a Unidos da Tijuca este ano tenta recuperar o terreno perdido com uma volta às raízes. Em 90, o tema é história do Brasil e uma homenagem à Portugal: "E o Borel descobriu... navegar é preciso". A bordo para esta viagem rumo à terra lusitana, os quatro mil integrantes da escola, que este ano traz o seu amarelo-ouro e azul-pavão misturadas às cores das bandeiras brasileira e portuguesa.

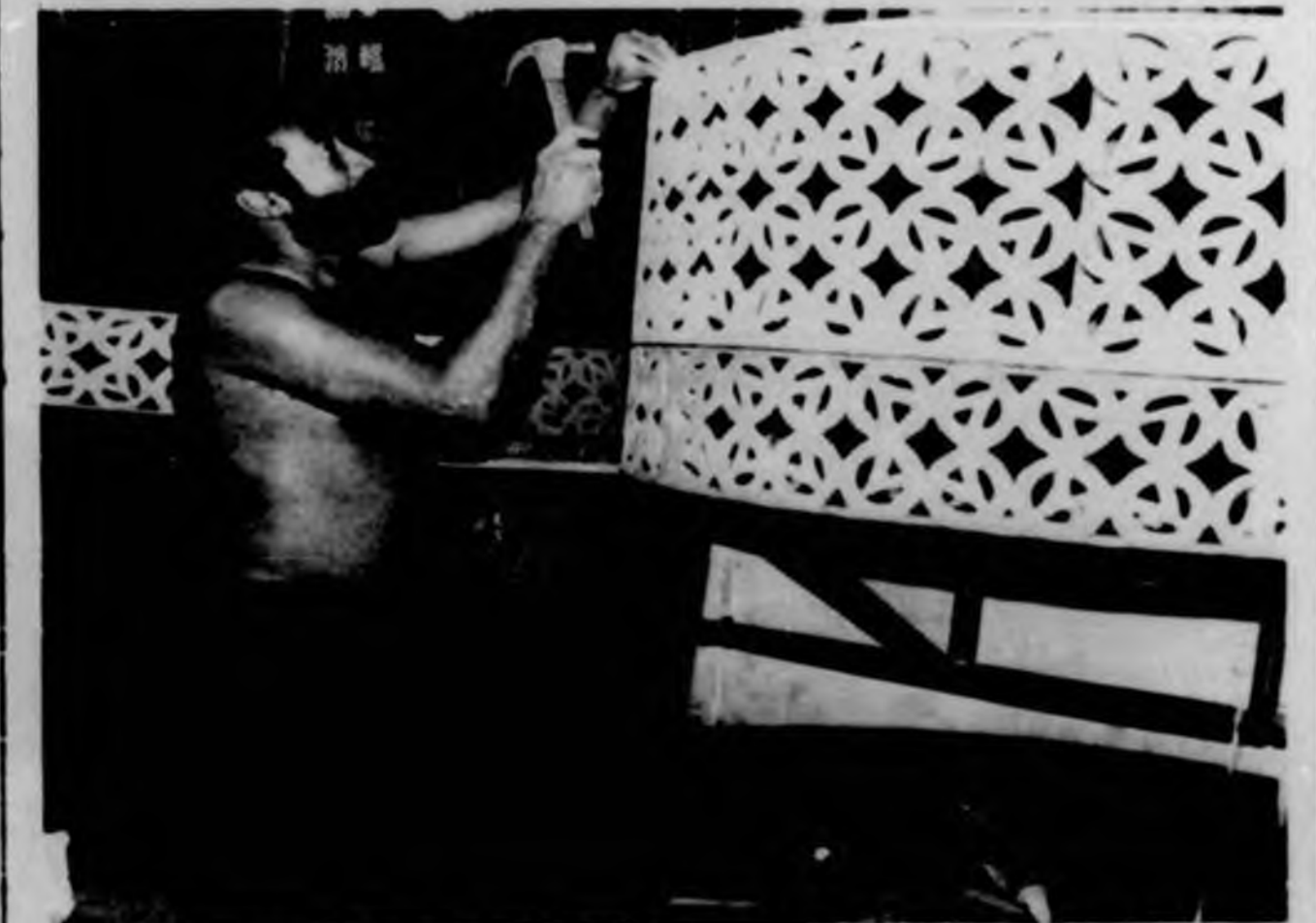
O enredo foi dividido pelos carnavalescos Luis Fernando e Flávio Tavares em quatro partes para falar desde a fundação de nação portuguesa às grandes navegações, passando pela herança deixada entre nós pelos portugueses, e terminar com a história às avessas: o Brasil descobrindo Portugal. "Queremos mostrar as viagens dos navegadores lusitanos, os inúmeros países em que estiveram, além do Brasil", conta o presidente da escola tijuicana, Fernando Horta.

História que já começa a ser contada a partir do carro abre-alas, em que o pavão azul e amarelo do Borel, do alto de seus 11 metros de altura e cauda flexível saúda castelos portugueses. Na mesma alegoria, a veterana d. Regina deixa a ala das baianas e desfila seus 82 anos instalada na alegoria, onde sambam doze mulatas do Borel. As baianas, por sinal, estarão divididas em duas alas. Numa delas rodarão suas amplas saias no verde e amarelo que

simbolizam o Brasil; na outra, ostentam o verde e vermelho somados ao branco, nas cores de Portugal. Em cada uma, o símbolo do pavão na cabeça.

Com 15 carros alegóricos e 32 alas, a Unidos da Tijuca pretende apresentar um carnaval em moldes tradicionais. "Nossa preocupação é trazer uma escola forte do início ao fim", assegura Horta. Para isso, a receita da Tijuca é samba. "Somos contra esta história de fazer desfiles pirotécnicos. Daqui a pouco estarão colocando robôs na avenida", reclama o presidente. Por isso mesmo, além de vir com o pessoal do Borel bem animado em mostrar as andanças portuguesas pelo mundo e suas passagens pela China, Japão e África, ele conta com a força do samba e a habilidade de mestre Paulinho, que comanda seus 300 ritmistas com a ajuda de outros nove diretores de bateria.

Maior segredo ele faz sobre a fantasia da modelo Magda Cotrofe, que sai sambando no carro da Literatura Portuguesa, ao lado de esculturas de Camões, Fernando Pessoa e Carlos Drummond de Andrade. Com ela vêm as três filhas de Horta: Jane, Carla e Raquel. E como o melhor fica para o final, o presidente faz fé na alegoria que fecha o desfile: passistas e sambistas numa réplica da Torre de Belém, mostrando como os brasileiros estão trocando o país por Portugal, por conta da crise econômica. Mas o principal é que em todas as bocas se ouvirá o samba da escola que Horta diz ter sido considerado o melhor de todos pela crítica. "A maioria está mesmo é fazendo marcha..."



Apostando na tradição, o pessoal da Unidos da Tijuca prepara 15 carros e 32 alas